30 Criação & Crítica

O CHEIRO DO MOFO

Há um ano, um dos nossos colegas de pesquisas barthesianas, Wellington Furtado Ramos, contou-nos um episódio em que havia presenciado um certo desprezo quando uma pessoa o ouviu dizer que desenvolvia pesquisas sobre a obra de Roland Barthes. Ter-lhe-iam dito: “Mas isso cheira a mofo!”. Dessa figura, para falar barthesianamente, surgiu a ideia deste dossiê, que lhes apresentamos agora com um conjunto de artigos que dialogam com os escritos de Barthes em suas múltiplas abordagens.

Pudemos constatar que o fungo barthesiano continua crescendo em diferentes países. Recebemos contribuições de autores das mais diversas origens: no Brasil, na Argentina, em Portugal, na Espanha e na França, a obra de Barthes continua a proliferar. De onde viria esse diálogo profícuo senão exatamente do cheiro do mofo? Isso se explica com clareza, também barthesianamente, com uma metáfora ligada à comida, como tantas que ele criou. O mofo e o bolor são designações populares para o que, em micetologia, classifica-se como *fungo*. Como bom *pharmakon*, o fungo pode estar na causa de alergias e envenenamentos, mas pode também estar no pão nosso de cada dia, ou nos cogumelos que representam um suplemento de proteínas em muitos pratos. Guardemos a metáfora do pão, ou, antes, a metáfora do *levain*, o fermento que dá origem a esse alimento milenar e do qual ele tira o aroma que nos aviva a memória de uma forma ainda mais potente que as *madeleines* de Proust, se consideramos que seu personagem permaneceu longo tempo distante da mistura das *madeleines* com o chá de tília e, quando ele degustou essa composição novamente, toda a lembrança do que a rodeava no passado se lhe retornou vivamente. Ora, o simples cheiro do pão faz o mesmo trabalho, mesmo com sua presença em nosso cotidiano. Seja ao passar diante da padaria, seja em nossas mesas, sobretudo de manhã, o odor do pão sempre traz lembranças de outras mesas, de outros tempos.

Obviamente, há várias formas de se fazer pão, inclusive sem o uso do fermento caseiro que é o *levain*, entretanto, essa técnica tem algo de interessante, que obedece à mesma exigência da memória: ela precisa ser cultivada. Uma isca de *levain* tem vida, precisa se alimentar constantemente de água e farinha para manter os fungos operando com vigor até a hora de fazer crescer a massa. Se morre o *levain*, é preciso recomeçar do ponto zero... E o mesmo fermento caseiro pode dar origem a receitas diversas, ao gosto do padeiro, abrindo-se para uma infinidade de sabores que, ainda barthesianamente, encerram sempre saberes que precisam permanecer na memória.

O mesmo se pode dizer do trabalho intelectual. Ele precisa ser alimentado para se manter vivo, mesmo que venha a abrir caminho para novas teorias. Assim como a humanidade fez do pão um dos alimentos mais importantes em quase todo o planeta, partindo de ingredientes simples e relativamente abundantes em diversas regiões para criar receitas diversas atravessando os séculos na memória dos indivíduos, assim também faz a ciência, que, com o rigor de seus métodos, ajuda-nos a sempre avançarmos a partir do que viveram e teorizaram aqueles que nos precederam. Para finalizar essa metáfora, melhor é nos habituarmos ao cheiro do mofo e dele aprendermos a nos alimentar, ao invés de reinventar, sabe-se lá com que prejuízos, experiências que já trabalharam por nós anteriormente.

Fermentando o pão hoje

A memória presente do pão pode ser usada para pensar diversos artigos propostos para este dossiê. Esses artigos mostram de que maneira textos, depois de decorridas diversas décadas, podem nos tocar com seu aroma e fazer-nos reelaborar as experiências atuais. Gabriela Simón, com "Roland Barthes: intervenciones de un encuentro", propõe refletir sobre figuras que podem ser usadas para pensar as questões que perpassam nosso tempo. Dois textos tratam de um conceito que nunca parece deixar de atuar em nossas reflexões: o mito. Maria João Simões, em "Mythologies barthésiennes, différents stéréotypes et imagotypes" destaca a importância de *Mitologias* tanto para o teórico cultural Stuart Hall como para o ensaísta Eduardo Prado Coelho, articulando as ideias de mito, estereótipo e imagotipo. Guillaume Brie, em "Le chiffre et la pensée du risque", demonstra a relevância de Barthes para pensar políticas de segurança que usam o mito do número para mobilizar seus aparelhos repressivos. A pertinência dos escritos barthesianos para a análise de políticas públicas se faz presente também em "Troubler les certitudes du langage", de Matthieu Marchadour, que critica a noção de "alofonia", usada para designar (e discriminar) os alunos com saberes linguísticos diversos. O ensino também é debatido em "Do sonho de Barthes ao impossível de ensinar", de Antonio Alberto Peixoto de Almeida, que articula os pensamentos barthesiano e lacaniano para compreender as práticas de Barthes em sala de aula. Em "Engajado, distanciado, deslocado, escritor: Roland Barthes por Mathieu Messager", Katerina Blasques Kaspar faz uma resenha de *Roland Barthes*, de Mathieu Messager, mostrando o diálogo da obra barthesiana com os nossos tempos. "Uma retórica do poder", de José Antônio Orlando e Vera Casa Nova, que trata da questão do poder na obra de Barthes, lembra-nos do nosso papel para resistir às inquietantes ressurgências do fascismo que temos testemunhado.

Novas farinhas

A principal matéria-prima para a fornada de pães que este dossiê oferece, a farinha barthesiana, também é misturada a outras farinhas, como a de Osman Lins, a de Hilda Hilst, a de Adília Lopes, a de Ana Cristina Cesar, a de Paloma Vidal e a de Leyla Perrone-Moisés. Não mais visto apenas como um teórico capaz de fornecer fundamentação para leituras de obras de escritores, Barthes é reconhecido, atualmente, como ele mesmo sempre se reconheceu: um escritor, isto é, mofo, fungo, *levain* capaz de fazer fermentar ideias, reflexões, afetos. Neste cesto, o primeiro pão que apresentamos é "Babel, dispersão, inacabamento: a escrita de bordejar e o texto de fruição, uma escala de confluências entre Osman Lins e Roland Barthes", de Luciana Barreto Machado Rezende, que vê em *Avalovara*, de Lins, um texto de gozo, na definição presente em *O Prazer do texto*, de Barthes. A aproximação entre os textos dos dois escritores é conduzida pela noção lacaniana de gozo, de que Barthes lança mão para caracterizar o texto que "coloca em crise sua relação com a linguagem" (*Le Plaisir du texte*, 1973, p. 26, trad. nossa), movimento que se repete no próximo texto deste dossiê, "A fenda do gozo: uma leitura de *O Caderno Rosa de Lory Lamby* (1990), de Hilda Hilst, através da obra *Le Plaisir du texte* (1973), de Roland Barthes", de Flávia Herédia Miotto. Entrevemos, pela "fenda" que o artigo abre, a prática de uma escrita de transgressão por parte de Hilst, tal como o próprio Barthes teorizou e praticou. Também em "Incidentes poéticos de Adília Lopes, leitora de Barthes", de Paulo Alberto da Silva Sales, o texto de gozo da poeta portuguesa é evidenciado por meio da noção barthesiana de incidente, que fragmenta a escrita polifônica de Lopes e lhe confere um corpo. Este é um corpo apaixonado no exercício de estilo "Infinitas gamações: correspondências: Ana Cristina Cesar, Roland Barthes", de Mariana Cobuci Schmidt Bastos, resultado de uma mistura de farinhas com grãos mais pessoais, uma escrita que conta Ana Cristina a Roland, promovendo um encontro que nunca existiu concretamente, embora já existisse nas leituras e nos poemas da poeta. O tema do encontro imaginado está também em "'Tenho medo, logo vivo': Roland Barthes em 'não escrever', de Paloma Vidal", apresentado por Katerina Blasques Kaspar que, ao refletir sobre o medo nas obras de Barthes e de Vidal, trabalha com os limites e as possibilidades abertas pelo medo, encenando uma hipotética visita de Barthes a São Paulo. A noção de biografema aparece em "Uma região montanhosa e hospitaleira: resenha de *Vivos na memória*, de Leyla Perrone-Moisés", de Claudia Amigo Pino e Laura Taddei Brandini, que trata do livro lançado este ano, *Vivos na memória*, de Leyla Perrone-Moisés. A partir de pequenos detalhes da vida e dos corpos de cada um dos encontros que Perrone-Moisés descreve, sentimo-nos próximos dessas figuras que, de outro modo, estariam distantes de nós pela aura conferida por sua canonização.

Novas técnicas de fermentação

O Barthes de hoje tem suas diferenças com aquele que morreu em 1980, em decorrência de um atropelamento frente ao Collège de France. O Barthes daquele momento era um crítico reconhecido, tinha vários livros publicados, artigos em revistas, dava entrevistas para a televisão. Todos sabiam que ele era professor, mas poucos leitores tinham tido o privilégio de ser seus alunos. O Barthes de 2021 coloca-se em cena para todos: muitos de seus cursos foram publicados e alguns deles, especialmente *A preparação do romance*, mostraram o seu lado de escritor, ou pelo menos de experimentador da literatura.

Os artigos da última seção deste número dão conta desse Barthes a quem só tivemos acesso nos anos 2000, após a publicação de seus cursos, seminários e textos experimentais. Aqui encontramos o artigo de Leandro Bohnhoff "El camino del medio: Barthes entre Benjamin y Adorno", que propõe uma releitura de *A câmara clara*, a partir da tensão entre a apreensão da vida (ou "realismo") e a sua dissolução num pensamento crítico. Nunca haveria uma escolha entre esses caminhos, Barthes se moveria sempre no caminho do meio. Já Judith Cohen em "L'utopie théâtrale. Traversée de l'œuvre de Roland Barthes" chama esse caminho do meio de "utopia teatral", aquilo que se move entre dois tempos, o tempo da obra e o tempo daquilo que ela vai gerar num futuro, o tempo da vivência da obra e da reflexão que ela gera, e que pode levar a uma ação (uma mudança de vida, de escrita, ou mesmo política). A teatralização é também a base do texto de Natalie Lima, que em "Encenar um desejo, ensinar", se refere à necessidade de Barthes de encenar a preparação de um romance, no limite da artificialidade, para gerar a reflexão ou esse tempo utópico da ação.

Esse Barthes do caminho do meio tem alguns pontos em comum com o crítico consagrado dos anos 60, como se o nosso velho fermento tivesse nova vida a partir de novas técnicas de fermentação. Algumas noções perduram, mas são revisitadas, como o "autor". Em "Autoria em regeneração: Barthes e o potencial da linguagem", de Carolina Messias, o autor não é mais visto a partir do texto já clássico sobre sua morte, mas a partir da publicação de seus seminários, especialmente *O léxico do autor*, como aquele que recusa a autoridade dentro de um campo de conhecimento e se coloca como uma integração de subjetividades. Já em "Aproximações semiológicas entre Barthes e Borges", de Paula Pezzini e Jorge Berndt, o autor não é mais visto como uma pessoa real ou mesmo uma noção: é um mito, que a literatura deve desmistificar.

O Barthes de hoje, o Barthes que encena ser escritor, tem uma outra relação com o saber. Em "O discursar intelectual em questão em *A câmara clara*", Priscila de Oliveira e Cid Ottoni Bylaardt analisam o texto de Barthes sobre a fotografia, que, apesar de apresentar vários elementos autobiográficos e experimentais, constitui-se como um discurso "sobre" um objeto, um discurso de saber, mas um saber incerto, contraditório e instável. Barthes, de certa forma, assume a impostura de que foi acusado por Raymond Picard nos anos 60, discutida com detalhes no texto "Uma arqueologia da impostura", de Marlon Augusto Barbosa. Talvez Barthes tenha percebido que não é necessário se "encaixar" em uma prática de escrita determinada,

como a crítica universitária: é possível criar novos contratos de leitura, como os nossos contratos afetivos, tema também desse Barthes de hoje e do texto “Barthes y el contrato: sexo, amistad, amor”, de Luís Soto.

Desse modo, constatamos que o saber em Roland Barthes não pode ser visto como uma abstração: ele circula por todo o nosso corpo, ele é também composto por nossas emoções, nossos lutos. Cristiano Bedin da Costa e Marcos da Rocha Oliveira escrevem sobre o luto, o ensino, a escrita, a vida e a morte em “Entradas, disponibilidades luminosas: o luto como trabalho em Roland Barthes”, pensando o papel da figura do Amador. O luto também é o tema de “Um pássaro de canto particular, literário: a paisagem escritural barthesiana e a inscrição da morte na vida”, de Kaio Fidelis e Guilherme Massara Rocha, que leem o *Diário de Luto* para entender suas relações com o projeto de romance do autor. O tema do luto é abordado por Maria Clara da Silva Ramos Carneiro e Lauren Silva Nascimento em “Roland Barthes adorável: disseminações de uma voz autor”, que nos mostram de que maneira o autor colocou-se em seus textos, fazendo de sua escrita um testemunho de sua própria existência. Jonas Samudio e Carlos Rafael Pinto, em “Barthes, Loyola, corpo”, investigam o significante do corpo a partir de uma leitura de textos de Barthes e de Inácio de Loyola.

Se quisermos, então, estar perto de Barthes, não basta realizar uma simples exegese: é preciso também observar como nosso próprio corpo vibra e responde ao texto que se escreve e ao texto que se lê. Por isso, Leonardo Costa de Sá, em seu exercício de estilo “A crítica da leitura”, distingue a *leituração*, isto é, a leitura que busca extrair informações, da leitura propriamente dita, pensada como experiência. Em “As palavras dançantes de Barthes", Julia Bunemer Nojiri aproxima a escritura barthesiana de uma dança, já que a sua escrita, impulsionada pelo prazer, é puro movimento. Não é surpreendente, então, que encontremos tantas afinidades entre as obras de Roland Barthes e de Friedrich Nietzsche. Nojiri traduz também um artigo de Shane Weller, “Filologia ativa: Barthes e Nietzsche”, no qual percebemos a influência do filósofo em textos decisivos, além de vislumbrarmos o interesse desenvolvido pela filologia nos últimos textos barthesianos.

O mofo barthesiano continua, então, a produzir, e é na medida em que ele continua a crescer na confluência de escritas diversas que ele permanece vivo. Apresentar este dossiê é, para nós, uma dupla satisfação. Por um lado, os numerosos textos propostos são um comovente testemunho da capacidade que Roland Barthes possui de afetar os corpos daqueles que o leem hoje. Por outro, é em razão dessa afetividade que a obra do autor permanece relevante para pensar os difíceis desafios que se erguem diante de nós.

Márcio Venício Barbosa (UFRN)
Claudia Amigo Pino (USP)
Laura Taddei Brandini (UEL)
Paulo Procopio Ferraz (USP)

Setembro 2021